

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI

MARA RUTE DE SOUZA NUNES

**AS REPRESENTAÇÕES DAS PERSONAGENS FEMININAS NA
OBRA CANADENSE *THE HANDMAID'S TALE*,
DE MARGARET ATWOOD**

**TERESINA
2019**

MARA RUTE DE SOUZA NUNES

**AS REPRESENTAÇÕES DAS PERSONAGENS FEMININAS NA
OBRA CANADENSE *THE HANDMAID'S TALE*,
DE MARGARET ATWOOD**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – apresentado ao Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual do Piauí – UESPI como exigência parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras/Inglês, sob a orientação da Prof.^a Ms. Lina Maria Santana Fernandes.

**TERESINA
2019**

MARA RUTE DE SOUZA NUNES

**AS REPRESENTAÇÕES DAS PERSONAGENS FEMININAS NA
OBRA CANADENSE *THE HANDMAID'S TALE*,
DE MARGARET ATWOOD**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APROVADO

EM: _____ / _____ / _____

BANCA EXAMINADORA

Profª Ms. Lina Maria Santana Fernandes - Presidente

Profª Ms. Denise Layana Pinheiro Nascimento - Membro

Profº Esp. Paulo Mota Filho - Membro

Nunca se esqueça que basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados. Esses direitos não são permanentes. Você terá que manter-se vigilante durante toda a sua vida.
(Simone Beauvoir)

Dedico esta monografia à minha mãe, Antonia Machado.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus, pois Ele me deu a oportunidade de ter ingressado nesta Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Agradeço por Ele me ter sustentado e dado sabedoria em todos os momentos em que pedi e precisei para concluir essa Graduação em Letras Inglês.

Quero, também, agradecer e enaltecer a minha rainha, a minha mãe, Antonia Machado. Nem sei por onde começar sem me emocionar - uma mulher batalhadora, que criou os filhos sozinha, e o seu maior sonho sempre foi nos dar educação. Uma mulher negra e pobre, mas que não deixou isso ser obstáculo e sempre nos apoiou, financeira e emocionalmente. Te amo mãe, esse diploma é para você!

Ao meu irmão Davi Orleane - te amo irmão! Muito obrigada por tudo que você fez por mim, seja no meio acadêmico ou fora dele. Te amo!

Meu agradecimento a essa Instituição de Ensino Superior, a Universidade Estadual do Piauí, pela oportunidade de me ter possibilitado uma graduação, e me dado a oportunidade de conquistar o meu diploma e ter me preparado para a vida profissional. Sou muito grata.

Gostaria de agradecer também aos meus colegas de classe. Foram 5 anos de muitas risadas e choros juntos. Aprendi tanto com vocês! Alguns se tornaram minha família: Werllison, Otacilio, Cauline, Nara, Dayane, Gessik, Even, Cida - amigos que me ajudaram e viram como eu me esforcei para terminar esse TCC (às vezes, nem tanto, mas com lutas, aprendi). A vida é isso.

E, por último, mas muito importante, agradeço a Professora Lina Santana, minha orientadora nesse trabalho, e a Professora Márlia Riedel, que foi um anjo, que me ajudou, e foi crucial para que o meu trabalho fosse concluído. Sou grata aos meus professores que, ao longo do curso, me prepararam para eu me tornar uma docente competente, e me ensinaram coisas que vou levar para a minha vida inteira. Muito obrigada!!!

RESUMO

Este estudo teve como objetivo fazer uma reflexão em torno da obra literária *The Handmaid's Tale*, publicada originalmente em 1985 pela escritora canadense Margaret Atwood. Através deste estudo, buscou-se demonstrar a forma como as personagens femininas são representadas nessa narrativa, enfatizando, principalmente, a violência física e mental sofrida por elas em uma sociedade completamente dominada pelo patriarcado. Para atingir nossos objetivos, foi realizada, através da utilização de fontes bibliográficas, uma análise aprofundada de trechos da obra, tendo como alicerce as teorias de Bourdieu (1998), Piscitelli (2001) e Pedro e Guedes (2010), fazendo, sempre que possível, um paralelo com a sociedade em que vivemos hoje.

Palavras-chave: Sociedade; Patriarcado; Violência Contra as Mulheres; Feminismo.

ABSTRACT

This study aimed to reflect on the literary work *The Handmaid's Tale*, originally published in 1985 by Canadian writer Margaret Atwood. Through this study we tried to demonstrate the way female characters are represented in this narrative, emphasizing mainly the physical and mental violence suffered by them in a society completely dominated by patriarchy. In order to achieve our goals, a thorough analysis of excerpts from the work was carried out, through the use of bibliographic sources, based on the theories of Bourdieu (1998), Piscitelli (2001) and Pedro e Guedes (2010), whenever possible, drawing a parallel with the society in which we live today.

Keywords: Society; Patriarchy; Violence against women; Feminism.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.....	24
Quadro 2.....	25
Quadro 3.....	26
Quadro 4.....	28
Quadro 5.....	28
Quadro 6.....	29
Quadro 7.....	30
Quadro 8.....	30
Quadro 9.....	31
Quadro 10.....	31
Quadro 11.....	32
Quadro 12.....	33
Quadro 13.....	33

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. AUTOR E OBRA.....	12
3. CONTEXTO HISTÓRICO DA OBRA.....	16
3.1 A Mulher na Sociedade Contemporânea.....	17
4. REPRESENTAÇÕES DAS PERSONAGENS FEMININAS EM THE HANDMAID'S TALE.....	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

Há muitos anos, as mulheres tem lutado para poder realizar atividades antes atribuídas apenas aos homens. Tarefas simples como estudar, votar, ou trabalhar fora de casa, atualmente desenvolvidas com naturalidade e competência por pessoas do sexo feminino, que não lhes eram permitidos há alguns anos atrás. Com dedicação, luta e perseverança, esse sonho de emancipação tem se tornado possível e muitas conquistas foram ganhas. Imaginar perder os direitos já adquiridos, seria um retrocesso na história, uma frustação para todas as mulheres e muito lamentável.

Na obra *The Handmaid's Tale* de Margareth Atwood (1985), a autora imagina tal retrocesso ao retratar uma sociedade distópica completamente dominada pelo patriarcado. A obra, em particular, provoca bastante curiosidade pela sua maneira de abordagem e pelas informações relevantes que podem ser exploradas e enriquecidas junto aos estudos da literatura, além é claro da complexidade da personagem principal, que narra o livro e em momento nenhum tem seu nome revelado durante a trama.

A personagem retratada na obra é uma típica cidadã americana, casada, mãe e recentemente promovida em sua carreira profissional. Tudo muda quando o país entra em uma guerra política e as mulheres são obrigadas a largarem suas famílias, empregos, e abdicar totalmente de suas vidas para servirem aos “comandantes” - homens de poder que estupram, matam, espancam e mantêm em cárcere privado as mulheres do país inteiro, separando-as em grupos, identificadas por nomes padronizados e classificando-as de acordo com sua importância religiosa, política e social.

Em certo momento na trama há uma grande revolução política, e à partir daí toda a estrutura social e política da sociedade é alterada. Nesse momento, a personagem principal passa a ser chamada de Offred, dando a entender que essa passa a ser propriedade de seu comandante Fred. A partir de então, sua vida se resume a procriar para a família de seu comandante. Após atingido este objetivo, Offred, que agora não é nada mais que uma aia, - mulheres que são usadas apenas para procriar, é passada para a família seguinte e assim por diante.

Com base no que a personagem principal viveu no livro - das ameaças, agressões físicas e psicológicas - ser mantida prisioneira e sem direito algum, o presente trabalho buscou demonstrar o trauma e a violência narrados pela mesma.

O principal objetivo da pesquisa é definir o ponto de vista do trauma e da violência representado na obra através da análise do livro *The Handmaid's Tale* (1985). Para se alcançar o objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: analisar acontecimentos traumáticos do ponto de vista narrativo das personagens principais; analisar como a violência reflete nas experiências vivenciadas pelas personagens; retratar os direitos perdidos e as mudanças radicais da nação de Gilead.

Para desenvolver essa investigação, realizamos uma pesquisa do tipo bibliográfica, analisando trechos que comprovem que a personagem vivenciou momentos de trauma e violência no livro *The handmaid's Tale* (1985), reforçando o que alguns teóricos, como Bourdieu (1998), Piscitelli (2001) e Pedro e Guedes (2010), afirmam a respeito da narrativa e da violência contra a mulher.

No presente trabalho, primeiramente é feita uma breve apresentação sobre a obra *The Handmaid's Tale* e sua autora, Margaret Atwood, afim de que seja melhor compreendido do que trata a obra e quais os objetivos que a autora buscou atingir com essa narrativa. Em seguida, apresenta-se um pequeno contexto histórico da obra, assim como uma análise do lugar da mulher na sociedade atual, demonstrando-se como a mesma é vista, para que possa ser feito um paralelo com a obra aqui estudada.

Análises de trechos específicos da obra *The Handmaid's Tale* (1985) são feitas a fim de demonstrar as situações de trauma e violência sofridos pelas personagens principais. E, por último, em nossas considerações finais, este estudo é concluído, demonstrando-se os resultados alcançados através da nossa análise.

2 AUTORA E OBRA

Margaret Eleanor Atwood nasceu em 18 de novembro de 1939 em Ontário, Canadá, e é considerada uma das escritoras mais inovadoras do século XX. Famosa por seus romances, contos e poemas, a autora é conhecida pela grande habilidade que tem de conectar seus personagens fictícios com a realidade, fazendo com que o leitor reflita sobre a sociedade em que vive. Isso acontece, principalmente, pelo fato de suas obras se basearem, muitas vezes, em acontecimentos históricos, o que gera, no leitor, o tempo inteiro, uma sensação de familiaridade com os eventos narrados.

Atwood começou a escrever quando tinha apenas 5 anos de idade, decidindo levar o trabalho a sério e se tornar uma escritora uma década mais tarde. Em 1957, ela começou a estudar na Universidade de Toronto, e teve a oportunidade de publicar seus primeiros poemas e artigos. Seus poemas eram, geralmente, inspirados por mitos e contos de fadas, temas com os quais Atwood cresceu. Logo após sua formatura, Atwood concluiu Mestrado em Literatura Inglesa pela Universidade de Radcliffe, Cambridge, Massachusetts, em 1962, o que lhe deu a oportunidade de, além de escrever, ministrar Literatura Inglesa em várias universidades americanas e canadenses no decorrer de sua carreira.

Embora Atwood tenha escrito, durante sua vida, sobre uma grande variedade de temas, a escritora é mais conhecida pelas suas histórias com perspectiva feminista. Seus trabalhos mais famosos geralmente focam em personagens femininas fortes e independentes, em sua busca por identidade em sociedades predominantemente patriarcais. Nessas narrativas, Atwood faz com que o leitor reflita sobre o papel da mulher na sociedade e como a mesma é geralmente subjugada e vista como inferior ao homem, o que faz com o que o leitor entre em contato com questões muitas vezes pouco faladas no nosso dia a dia.

The Handmaid's Tale, obra publicada em 1985, se enquadra bem nessa temática. A obra é considerada um clássico contemporâneo e já vem sendo estudada em universidades ao redor do mundo há um bom tempo. A obra já foi adaptada para filme, ópera, peça de teatro, e, mais recentemente, para série de TV, pelo serviço de streaming americano Hulu, ganhando vários prêmios e fazendo com

que essa história ganhasse muita atenção da mídia mais de 20 anos após sua publicação.

A trama do livro se passa em um futuro próximo, mais ou menos sete anos no futuro, e nos conta sobre como os Estados Unidos da América sofrem um golpe por um grupo de fanáticos religiosos de extrema direita auto intitulados “Filhos de Jacó”. Desse momento em diante, a constituição é suspendida, e é estabelecida, em seu lugar, um regime totalitário teocrático, estabelecendo a República de Gilead. Esse grupo usa, como pretexto, a necessidade de restaurar os valores cristãos e os bons costumes, tendo como base uma interpretação extrema do Antigo Testamento da Bíblia.

No centro dessa revolução, descrita pela autora, há uma alta taxa de infertilidade. Isso é causado pelo grande número de desastres naturais e epidemias gravíssimas, o que dizimou grande parte da sociedade e fez com que a maior parte dos que sobraram se tornassem inférteis, com uma grande presença de abortos e deformidades em bebês recém-nascidos, o que faz com que mulheres férteis se tornem uma raridade naquela sociedade.

Logo após a revolução, há uma reestruturação organizacional da sociedade. As mulheres – as maiores vítimas nesse contexto político – são rapidamente divididas em castas, de acordo com a forma que podem vir a ser úteis para os homens. Mulheres férteis em relacionamentos vistos como não legítimos, segundo as interpretações extremas da Bíblia – sendo elas mães solteiras, mulheres divorciadas, ou casadas com homens divorciados e homossexuais – eram enviadas às casas de políticos importantes denominados comandantes, e transformadas em aias, ou seja, sua obrigação constava agora em gerar filhos para as famílias ricas.

Para isso, era realizada, todo mês, em seu período fértil, uma espécie de ritual chamado “A Cerimônia”, onde a aia era estuprada pelo seu comandante na presença de sua esposa. Na narrativa, esse ritual é descrito como uma prática religiosa, sendo usados, inclusive, trechos da Bíblia como justificativa para tal ato. No momento que aia gerava a criança para a família, ela era encaminhada para uma nova casa, onde teria que realizar seus deveres mais uma vez. Esse era sua única função naquela sociedade.

Algumas das mulheres que não eram férteis, porém, da mesma forma, não estavam em um relacionamento reconhecido por essa nova dinâmica política, eram enviadas às casas dos comandantes para executarem serviços domésticos. Elas

eram chamadas de Marthas, enquanto que outras, geralmente mais velhas, chamadas de “tias”, tinham o dever de aplicar uma lavagem cerebral nas aias, fazendo com que as mesmas aceitassem seus novos deveres, as punindo física e mentalmente. As mulheres dos comandantes, por outro lado, tinham o dever de ficar na casa, e observar tanto as aias como as Marthas.

Importante dizer, no entanto, que independente de sua casta, nessa sociedade, todas as mulheres perderam seus direitos, inclusive os mais básicos, como o direito à leitura e à educação, o direito de trabalhar, e de ir e vir sem dar satisfação. Cada passo delas passaram a ser vigiados. Além disso, cada casta era obrigada a se vestir com uma cor diferente. As aias, por exemplo, tinham a obrigação de se vestirem de vermelho, a cor da luxúria, e na cabeça um chapéu que escondia seu rosto, as impedindo de olhar para os lados. As mulheres perderam, ainda, o direito de usarem o próprio nome, uma vez que passaram a serem chamadas por nomes derivados dos nomes de seus comandantes, ou seja, perderam o direito até à sua própria identidade.

Offred, por exemplo, a personagem principal do livro, recebe esse nome devido ao fato de seu comandante se chamar Fred, passando ao leitor a ideia de que ela pertence a ele, em todos os sentidos da palavra. Seu nome não é revelado em nenhum momento no decorrer da história. A autora, Margaret Atwood, afirma que isso se dá ao fato de que, no decorrer da história, tantas pessoas, principalmente as mulheres, tiveram seus nomes esquecidos, e suas vozes silenciadas, e que isso faz parte do tom que ela quer nos passar em sua narrativa.

Por mais assustador que possa parecer, a autora afirma que, ao criar essa história seu grande objetivo era colocar, em seu livro, apenas eventos que já tivessem acontecido em alguma parte do mundo, o que faz com que essa história possa se repetir a qualquer momento. A autora relembra também, que, infelizmente, nos dias de hoje muitas mulheres ainda vivem realidades parecidas com essas em algumas partes do mundo.

A obra é considerada, pela própria autora, como uma ficção especulativa, ou seja, a autora escreve sobre uma sociedade que pode vir a se tornar realidade a qualquer momento, e em qualquer lugar do mundo, até mesmo em um país como os Estados Unidos, considerado o país mais democrático do mundo. Esse é, inclusive, um dos motivos pelo qual essa história, criada nos anos oitenta, voltou a fazer tanto sucesso de forma repentina em nossa sociedade. Em 2017, quando a série de TV

baseada no livro foi lançada, os Estados Unidos passavam por uma fase de medo e apreensão, que perdura até hoje, devido ao governo de Donald Trump. Essa mesma realidade existe em vários países do mundo, inclusive no Brasil, onde governos de extrema direita se estabelecem, ameaçando a democracia.

Como afirma a autora, a organização de uma sociedade pode mudar da noite para o dia, dada às circunstâncias. Sempre que há uma grande crise política em um país, a mesma é geralmente seguida por mudanças drásticas. O desejo de mudança geralmente cega a população. Se olharmos ao nosso redor, veremos que esses fatos se repetem diversas vezes na história da humanidade, e continuará se repetindo.

O fato de o mundo está sendo, aos poucos, tomado por regimes de extrema direita, faz com que tenhamos a sensação de que *The Handmaid's Tale* tem um teor profético e não mais fictício, e de que a sociedade descrita pela autora pode vir, de fato, a se tornar realidade a qualquer momento - daí a grande conexão dos leitores com essa história e seu grande sucesso nos dias atuais.

3 CONTEXTO HISTÓRICO DA OBRA

The Handmaid's Tale, obra publicada em 1985, faz parte de uma tradição de romances distópicos publicados no século XX, assim como os clássicos *Brave New World* do autor Aldous Huxley e 1984 de George Orwell, obra que a autora afirma ter se inspirado para a escrita de *The Handmaid's Tale*. Nesse tipo de narrativa, são sempre narrados eventos em um futuro imaginário, onde as pessoas são, geralmente, vítimas de uma sociedade opressora e caótica.

Apesar da grande quantidade de distopias publicados no século XX, Atwood afirma que nenhum desses romances narram a posição da mulher nessas sociedades, e que a ideia para *The Handmaid's Tale* veio da necessidade que sentia de ilustrar a representação da mulher nesse tipo de narrativa, ainda mais se levarmos em conta que as mulheres sempre foram as maiores vítimas em qualquer crise política. Não importa qual o momento histórico, as mulheres foram e sempre serão as primeiras a terem seus direitos violados.

Desse modo, a narrativa de *The Handmaid's Tale* se passa em um futuro imaginado pela autora, e se situa mais ou menos entre o final do século XX e o começo do século XXI. A autora afirma, no entanto, que a base de sua obra são fatos históricos, e que tudo que acontece na narrativa já aconteceu em algum momento, como afirma na introdução de seu livro:

Uma das minhas regras é que eu não colocaria no livro nada que já não houvesse acontecido, no que James Joyce chamou de o “pesadelo” da história, nem nenhuma tecnologia que não estivesse disponível. Nenhum dispositivo imaginário, nenhuma lei imaginária. Dizem que Deus está nos detalhes. O diabo também está. (ATWOOD, 1985, p. 5)

A ideia da autora foi justamente usar a sociedade contemporânea em que vivemos, onde nos parece tão impossível que coisas assim aconteçam, e nos mostrar o quanto nossa estrutura social é frágil, e que tudo pode mudar dadas as circunstâncias. A autora nos mostra também que essa sociedade caótica não nasce da noite para o dia, pois é um sistema que se instala progressivamente, muitas vezes de forma lenta, e nos atenta para os sinais que podem estar ao nosso redor.

Para que possamos entender como um sistema opressor como o descrito em *The Handmaid's Tale* pode vir a se instaurar em uma sociedade como a nossa, será, apresentada a seguir um breve panorama da representação da mulher nos dias

atuais, para que possamos, assim compreender melhor os eventos narrados na obra a ser aqui analisada, levando em conta que esses acontecimentos se passam mais ou menos no mesmo período em que vivemos hoje.

3.1. A Mulher na Sociedade Contemporânea

Desde os primórdios da história, a mulher sempre foi subjugada e vista pela sociedade como inferior ao homem. Suas vozes foram sempre silenciadas e, apenas através da Literatura e educação pôde ser, aos poucos, ouvidas, mesmo que de forma lenta. A partir do momento que a mulher mostrou ser tão capaz quanto o homem de escrever, de criar, de opinar, de analisar o mundo à sua volta, de questionar e mostrar soluções o mundo passou a vê-la com outros olhos. A mulher passou a deixar de ser apenas um domínio do homem, um objeto sexual, ou, até mesmo, objeto de procriação, para ser vista como um ser por inteiro. Segundo Melo (2013):

[...] Se fosse possível retroceder no tempo e contar para um cidadão do começo do século XX que as mulheres, hoje, votam, têm média de escolaridade maior que a dos homens, governam países e estão inseridas amplamente no mercado de trabalho, talvez o sujeito não acreditasse no relato.

Hoje, vivemos em uma sociedade bem diferente do que as mulheres viviam séculos atrás, quando as mesmas não tinham direito à educação, à liberdade de expressão, quando precisavam usar pseudônimos masculinos caso quisessem escrever um livro, caso contrário jamais seriam levadas a sério, e desde crianças já tinham em mente que seu futuro seria apenas o casamento e a família. Hoje, pelo menos no mundo ocidental, temos poder de escolha, podemos escolher nossas profissões, as roupas que usamos, defender nossas opiniões em público, sem contar o número de mulheres independentes e que resolvem não se casar é cada vez maior. Fagundes e Dinarte (2017, p. 5) nos explica que

Gradualmente as mulheres buscaram se desvincular dessa dominação masculina, lutando pela igualdade, seja no meio social, profissional, ou no âmbito familiar, por meio do movimento feminista. As primeiras conquistas foram relativas ao direito a voto, ao direito de trabalhar e exercer uma profissão para além daquela de dona de casa e mãe, perseguindo efetiva igualdade entre homens e mulheres, no que diz respeito às liberdades, comportamentos, etc.

Essas conquistas existem graças à uma luta do movimento feminista que existe há séculos. Cavalcanti (2008) afirma que:

Neste protagonismo pela luta da liberdade, destaca-se o movimento feminista que, tem como marcos inicial no final da década de 60, onde eclodiam grandes discussões da temática nos EUA e na Europa. Um grande marco histórico do movimento feminista, foi o protesto que ficou conhecido como a queima os sutiãs, do qual as mulheres ativistas do movimento Wolman's Liberation Movement dos EUA, pretendiam colocar fogo em objetos como sutiãs, maquiagens, espartilhos e outros que impunham a indução de uma ditadura da beleza, durante o concurso de Miss America. Entretanto, tal queima dos sutiãs não ocorreu literalmente, pois o local do concurso não tratava-se de um espaço público, impedindo que o ato fosse consumado. Porém, com a ajuda da mídia, a atitude dessas mulheres teve uma repercussão a nível mundial, que, trouxe consigo uma grande reflexão da questão de gênero, representando uma grande influência pelo mundo, onde este ato simbolizava uma abertura da liberdade feminina.

No Brasil, a luta feminista também se faz presente. Pedro e Guedes (2010, p. 6), nos explica, que o movimento feminista apresenta traços peculiares de vital importância que, podem ser explicados pela formação histórica e a dependência por blocos hegemônicos da qual esse país foi subordinado desde a colonização. Para as autoras, os colonizadores trouxeram consigo, o modelo patriarcal de família e a Igreja Católica como força política e instrumento de controle social, tendo como resultado, o patriarcalismo e conservadorismo da sociedade brasileira. Explicam, ainda, que:

Durante a década de 60, surgiram as primeiras organizações femininas a se organizar no Brasil, que, ainda mantinham traços conservadores podendo ser observados na maior parte dos primeiros estatutos que defendiam apenas o espaço no mercado de trabalho e a igualdade entre os sexos, repudiando a discussão a respeito da liberdade sexual, num contexto histórico em que se primava pela ordem pública. No contexto sócio-político que se instaura com o golpe de 64, registra-se um período em que criou uma barreira significativa na causa das mulheres, que se exprimia como dos movimentos sociais reprimidos pela ditadura. Registra-se, contudo, o protagonismo de grupos de mulheres em resistência à ditadura através de

passeatas, manifestações públicas, organizações clandestinas. Essa conjuntura política possibilitava que muitas mulheres refletissem melhor sua postura social. (PEDRO E GUEDES, 2010, P. 6)

Esse período representa um marco de uma nova era para o movimento feminista no Brasil. GOLDENBERG (2001), afirma que os anos 70 marcaram uma reviravolta no movimento feminista, que passou a colocar como um dos eixos da sua luta a questão da relação homem-mulher e a necessidade de reformulação dos padrões sexuais vigentes. Pedro e Guedes (2010, p. 7) afirmam que

A partir de então, ocorreram diversos fóruns de discussões em âmbito internacional, que, viabilizaram uma maior abertura do tema e seus processos de redemocratização. Nesta perspectiva, a partir 1975, registra-se um salto de qualidade: a reflexão a partir das categorias gêneros. Porém, somente dez anos depois, é que a Comissão de direitos Humanos da ONU (Organização das Nações Unidas) na Reunião de Viena em 1993, exigiu que fossem inclusas medidas para coibir a violência de gênero.

Pedro e Guedes (2010, p. 7) nos explicam, ainda, que a constituição federal de 1969, ainda apresentava caracteres de uma sociedade machista e excludente onde, por exemplo, era dever da mulher, inscrito por lei, prestar serviços性ais para seu companheiro sempre que ele solicitasse. Com a Constituição de 1988, algumas conquistas foram alcançadas no âmbito feminino através da formalização da equidade de gênero prevista em lei, que nos termos da constituição dispõe “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”. A partir de então a mulher passa a ser igual ao homem perante a lei, o que não se mostra tão eficaz na prática.

Apesar de tantas conquistas, no entanto, sabemos que essa é uma luta que não está totalmente ganha. Se por um lado grande parte das mulheres ao redor do mundo tem o direito e a liberdade de escolherem suas profissões, por outro sabemos que o preconceito em torno da capacidade da mulher ainda existe de forma bem acentuada. Conforme Nogueira (2016) afirma:

Embora a mulher independente passe a se tornar mais valorizada, o patriarcado contemporâneo em nenhum momento provoca alguma alteração profunda nos deveres de gênero ou na estrutura tradicional da família. A nova imagem de esposa moderna passa a adquirir características de independência em relação ao marido, busca pela carreira profissional e independência financeira, sem prejudicar em nenhum momento sua dedicação ao lar e a família.

Apesar de ter mais do que provado sua capacidade no decorrer dos anos, a mulher ainda é vista, muitas vezes, como o sexo frágil, e, por mais que vejamos todos os dias muitas mulheres bem-sucedidas em nossa sociedade, sabemos que as diferenças existem. Um bom exemplo disso é o fato de, em muitos casos, o homem ter o salário mais elevado que o da mulher, sem nenhuma justificativa aparente. Isso, sem falar no preconceito que muitas mulheres sofrem no ambiente de trabalho, tendo sempre que trabalhar o triplo que o homem trabalha para provar sua capacidade. Aparicio, Melo e Oliveira (2009) nos explicam que:

[...] Historicamente, quando os homens procuraram desenvolver sua carreira, sua dificuldade é menor devido a uma cultura patriarcal observada em nossa sociedade que põe obstáculos ao desenvolvimento profissional feminino. As mulheres, por outro lado, ainda encontram barreiras tanto naturais (filhos, família, cuidado com o lar...), como as impostas por organizações mais conservadoras. Porém, outro ponto importante é a mudança de comportamento da própria mulher que tem refletido transformação na sociedade.

E, mesmo provando sua capacidade, é importante salientar a visão preconceituosa de que toda mulher bem-sucedida, ou não, profissionalmente, ela ainda tem, como obrigação, o casamento e a constituição de uma família - é como se estivessem em uma corrida, e essas obrigações fossem chegar mais cedo ou mais tarde, sem que pudessem de fato escolher. E essa não é uma pressão que surge apenas por parte dos homens, mas também por parte das próprias mulheres, tanto quanto é uma cobrança que fazem de si mesmas, o que mostra que existem rastros históricos do papel que a mulher costumava ter nos tempos passados.

Mesmo no Brasil recente, existiam diferenças entre homem e mulher, relacionando sua submissão a sua estrutura física e biológica. Se a diferença entre gêneros era voltada para a relação anatômico-fisiológica, o sexo político-ideológico vai comandar a oposição e a descontinuidade sexual do corpo, dando arcabouço, justificativa e até impondo diferenças morais aos comportamentos masculinos e femininos, estando em acordo com a exigência de uma sociedade burguesa, capitalista, colonial, individualista e imperialista existente, também, nos países europeus. (SILVA, SANTOS, et al., 2005)

Mesmo que não queiramos admitir, isso se reflete até os dias atuais. Mesmo com tanto avanço e tanta luta, ainda podemos encontrar muitos aspectos de centenas de anos atrás presentes em nossa sociedade, Rodrigues (2008, p. 4) afirma que

A mulher era um ser destinado à procriação, ao lar, para agradar o outro. Durante o desenvolvimento das sociedades, a história registra a discriminação homem-mulher, principalmente em relação à educação. Ao atribuir aos homens a condição de donos do saber e às mulheres o papel feminino, subordinado ideologicamente ao poder masculino, a história vem salientar as desigualdades.

Dessa forma, é possível compreender que todo o preconceito que ainda acontece na sociedade hoje em dia, ocorre porque esses valores constituídos há séculos atrás ainda estão muito enraizados em nós mesmos, especialmente nas mulheres. Quando pensamos nesses valores, temos que enfatizar, principalmente, a forma como fomos criados, e como ainda estamos criando nossos filhos.

Desde criança, há uma nítida separação do comportamento masculino e feminino, regras que propagamos inconscientemente, e que as crianças internalizam, e propagam mais tarde para seus filhos, e assim por diante, em um ciclo interminável.

Podemos citar como exemplo, os brinquedos destinados às meninas e os brinquedos destinados aos meninos. As mulheres são desde cedo treinadas para cuidarem do lar e dos filhos, brincam de bonecas e casinha e fazem de conta que cozinham e colocam o bebê para dormir. Os garotos, no entanto, brincam de carros, de super-heróis, e fingem que salvam o mundo. Enquanto não há restrição quanto ao comportamento dos meninos, as meninas são moldadas, isto é, precisam ser sempre educadas e elegantes, são instruídas para falarem baixo e serem delicadas.

À medida que crescemos, esses valores apenas se acumulam. As meninas são, geralmente, instruídas a serem vaidosas, a estarem sempre arrumadas e, na adolescência, são instruídas a competirem umas com as outras pela atenção dos garotos. Esses detalhes parecem sutis, porém são eles que vão ditar como essas pessoas se comportarão na sociedade quando adultas. Pois, esses são os valores que elas irão propagar. Wagner (2005, p. 107) afirma que:

A dicotomia entre papéis femininos e masculinos leva-nos a pensar no fato de que, desde que nasce, o ser humano é inserido em uma história preexistente. Como legado social, ele recebe uma série de informações sobre o que é esperado que faça, de acordo com as características do grupo ao qual pertence. Constantemente, ele é separado em categorias, sejam sexuais, econômicas ou raciais, sugerindo, em outros aspectos, que uns são mais aptos que outros para desempenhar determinadas funções.

E, se paramos para analisar, é justamente isso que tem acontecido durante toda a história, mesmo nos dias de hoje, em que tendemos a achar que a mulher atingiu o ápice da igualdade, quanto ao sexo masculino. Os homens tratam as mulheres de forma rude porque, desde cedo, são ensinados a verem as mulheres como inferiores, e as mulheres, por sua vez, acabam aceitando esse tratamento pelo mesmo motivo.

Isso sem levar em conta o poder que a igreja católica sempre exerceu sob a mulher, colocando a sempre como um ser inferior na sociedade. Silva e Santos et al., (2005), nos explica que era função da Igreja castrar a sexualidade feminina, usando como contraponto a idéia do homem superior a qual cabia o exercício da autoridade. Todas as mulheres carregavam o peso do pecado original e, desta forma, deveriam ser vigiadas de perto e por toda a vida. Tal pensamento, crença e medo, acompanharam e, talvez ainda acompanhe a evolução e o desenvolvimento feminino.

Até o século XVII, só se reconhecia um modelo de sexo, o masculino. A mulher era concebida como um homem invertido e inferior, desta forma, entendida como um sujeito menos desenvolvido na escala da perfeição metafísica. No século XIX a mulher passa de homem invertido ao inverso do homem, ou sua forma complementar. (SILVA, SANTOS, et al., 2005)

Quando acontece uma crise política como a descrita em *The Handmaid's Tale*, e é instaurado um sistema opressor na sociedade, é compreensível que as primeiras vítimas sejam as mulheres, pois foi quem sempre esteve em desvantagem,

Ninguém sofre uma opressão tão prolongada ao longo da história como a mulher. Mutiladas em países da África com a supressão do clítoris, censuradas em países islâmicos onde são proibidas de exibir o rosto, subjugadas como escravas e prostitutas em regiões da Ásia, deploradas como filha única por famílias chinesas, são as mulheres que carregam o

maior peso da pobreza que atinge, hoje, 4 dos 6 bilhões de habitantes da Terra. (CHRISTO, 2001)

Todos os direitos que já ganharam até hoje podem ser perdidos em um instante, se a sociedade patriarcal – ou quem estiver no poder – assim achar conveniente. Daí a necessidade de luta constante por parte das mulheres. Pedro e Guedes (2010, p. 7) afirmam que:

É fundamental que o Estado invista cada vez mais nas Políticas Públicas voltadas para mulheres, e que o protagonismo do movimento feminista amplie a presença das mulheres na cena pública na luta pela garantia de direitos conquistados e ampliação de novos direitos. Trata-se, entretanto, de um movimento que não se consolida à revelia da construção do conceito de gênero, uma conquista das mulheres, mas sim na consolidação das mulheres enquanto sujeitos sociais e protagonistas de sua história

Levando tudo isso em conta, é possível compreender, de forma melhor, as mudanças drásticas na estrutura social narrada em *The Handmaid's Tale*, o que é justamente o objetivo da autora: chamar-nos a atenção para o fato de que as conquistas das mulheres não são eternas, de que tudo isso pode mudar, e as consequências podem ser catastróficas. Apesar disso, a autora nos atenta, também, para o fato de que essas mudanças levam tempo, e que devemos estar atentos aos sinais, e lutar enquanto podemos para que uma realidade, como a descrita em sua obra, nunca venha a acontecer de fato.

4 REPRESENTAÇÕES DAS PERSONAGENS FEMININAS EM THE HANDMAID'S TALE

Nessa seção, apresentaremos extratos retirados da obra *The Handmaid's Tale* (1985) de Margareth Atwood para que sejam apontadas e analisadas partes do livro que demonstram situações de trauma e de violência, tanto física quanto psicológica, vividas pelas personagens femininas principais. A obra foi lida em novembro de 2018 e relida, para fins de coleta de dados, de janeiro à junho de 2019, totalizando 5 meses de pesquisa, coleta e análise dos dados.

O presente trabalho tem o objetivo de contribuir com estudos relacionados ao trauma e violência vividos por mulheres, sendo eles físicos ou psicológicos, e servindo para nos fazer refletir sobre como a mulher é tratada hoje em nossa sociedade e se o que é relatado no livro seria realmente uma utopia ou um futuro não muito distante.

Quadro 01

I'm sorry, he said, but it's the law. I really am sorry. For what? somebody said. I have to let you go, he said. It's the law, I have to. I have to let you all go. He said this almost gently, as if we were wild animals, frogs he'd caught, in a jar, as if he were being humane. (1985, p.137)

Fonte: a autora

No começo da obra de Atwood, podemos ver que fica claro que as mulheres possuem total liberdade - elas podem trabalhar, estudar, fazer ginástica e são livres sexualmente. O primeiro trauma vivido pelas mulheres foi quando lhes foi tirado o direito de trabalhar. Em *O Conto da Aia* (Atwood, 1985, p.137), Offred relata como o seu chefe demite todas as mulheres sem nenhuma justificativa, deixando claro que ele não tem escolha. Ele diz: “*Me desculpa, mas é a lei, eu tenho que fazer isso*”, se mostrando desconfortável. Nesse momento, as mulheres vão para casa, não entendendo, mas aceitando a situação. Elas não se sentem confortáveis com a situação, mas não relutam, concordando indiretamente com o acontecido. Assim, Bourdieu (1998) fala sobre a dominação, dizendo que uma relação desigual de poder também demonstra uma aceitação por parte dos grupos dominados. Essa

pode não ser necessariamente consciente e deliberada, mas “principalmente de submissão pré-reflexiva”. E ainda complementa:

Sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas [...]. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação. (BOURDIEU, 1998, p.7)

A noção binária de gênero foi elaborada em um momento exclusivo da história das teorias sociais sobre a chamada diferença sexual. O que foi inovador na época, hoje está sendo desconstruído e reconstruído por estudiosos do campo. Gayle Rubin (1975 Apud Piscitelli, 2001, 179) define o sistema sexo/gênero como o conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da ação humana, e nas quais estas necessidades sociais transformadas são satisfeitas. Ela caracteriza diferenças da seguinte forma:

Homens e mulheres são, é claro, são diferentes. Mas nem tão diferentes como o dia e a noite [...]. De fato, desde o ponto de vista da natureza, homens e mulheres estão mais próximos entre si do que com qualquer outra coisa [...]. A idéia de que homens e mulheres diferem mais entre si do que em relação a qualquer outra coisa deve vir de algum outro lugar que não [seja] a natureza (RUBIN, 1975 apud PISCITELLI, 2001, p.179)

Quadro 02

All those women having jobs: hard to imagine, now, but thousands of them had jobs, millions. It was considered the normal thing. (1985, p.134)

Fonte: a autora

Com o passar da história, com a república de Gilead já estabelecida, Offred relembrava quando as mulheres eram livres e podiam trabalhar normalmente. No quadro 2 ela relembrava: “*Todas aquelas mulheres tendo empregos: difíceis de imaginar, agora, mas milhares delas tinham empregos, milhões. Foi considerado o normal.*” Mas, com o novo governo, esse e outros direitos foram tirados. Podendo, assim, apenas os homens executarem o trabalho externo, enquanto as mulheres ficavam em casa. Piscitelli (2001, p.2) questiona “se a subordinação da mulher não é justa, nem natural, como se chegou a ela e como se atém?”. Bourdieu (1998, p. 9)

escreve o que pode ser lido como resposta a essa pergunta e coloca as relações de produção do capitalismo como base para as relações de dominação patriarcais:

O princípio da inferioridade e da exclusão da mulher, que o sistema mítico-ritual ratifica e amplia, a ponto de fazer dele o princípio de divisão de todo o universo, não é mais que a dissimetria fundamental, a do sujeito e do objeto, do agente e do instrumento, instaurada entre o homem e a mulher no terreno das trocas simbólicas, das relações de produção e reprodução do capital simbólico. (BOURDIEU, 1998, p.27)

Quadro 3

It's Janine, telling about how she was gang-raped at fourteen and had an abortion. She told the same story last week. She seemed almost proud of it, while she was telling. It may not even be true. At Testifying, it's safer to make things up than to say you have nothing to reveal. But since it's Janine, it's probably more or less true. But whose fault was it? Aunt Helena says, holding up one plump finger. Her fault, her fault, her fault, we chant in unison. Who led them on? Aunt Helena beams, pleased with us. She did. She did. She did. (1985, p.61)

Fonte: a autora

Esse trecho conta:

É Janine, contando sobre como ela foi estuprada em grupo aos 14 anos e fez um aborto. Ela contou a mesma história na semana passada. Ela parecia quase orgulhosa disso, enquanto contava. Pode até não ser verdade. Nos testemunhos, é mais seguro inventar coisas do que dizer que você não tem nada a revelar. Mas como é a Janine, é provavelmente mais ou menos verdade. Mas de quem foi a culpa? Tia Helena diz, segurando um dedo gordo. A culpa dela, a culpa dela, a culpa dela, nós cantamos em uníssono. Quem os liderou? Tia Helena sorri, contente conosco. Ela fez. Ela fez. Ela fez (ATWOOD, 1985, p.61).

Quando se pensa na categoria de mulher e a percebe em *The Handmaid's Tale*, é impossível não pensar no machismo e no patriarcado enraizados em cada esfera social. Mas não é possível se pensar em dominação isoladamente. O conceito contemporâneo de machismo, abordado por Bourdieu (1998, p. 9) como “dominação masculina”, não pode ser visto separadamente de um contexto social e histórico. É possível perceber que esse poder imposto é extremamente complexo, produzido socialmente e por uma violência simbólica já intrínseca ao nível da linguagem e do pensamento, além da questão econômica, também a se pensar. Assim, Bourdieu (1998) fala sobre a dominação, dizendo que uma relação desigual de poder também demonstra uma aceitação por parte dos grupos dominados. Essa,

pode não ser necessariamente consciente e deliberada, mas “principalmente de submissão pré-reflexiva”. E ainda complementa:

Sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas [...]. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação. (BOURDIEU, 1998, p.7)

Também segundo Bourdieu (1998), a dominação masculina impõe pressões aos próprios dominantes, porém de formas diferentes, tendo em vista que, de alguma maneira, os homens sempre podem se beneficiar com isto, “por serem, como diz Marx, ‘dominados por sua dominação’”. Após as mulheres férteis serem selecionadas e chamadas de Aia, elas eram levadas a um centro de treinamento, onde as Tias, mulheres que eram vistas como “professoras”, ensinavam e preparavam as Aias para sua vida nas casas de seus donos, com um único objetivo de dar aquela família um filho. Nesse centro Vermelho – como era assim chamado o lugar-, elas viviam constantes atos de violência física e traumas psicológicos. A forma com que isso é feito envolve aulas em que as Aias não podem falar, vídeos pornôs violentos, vídeos descontextualizados de protestos feministas, e torturas. Em um dos trechos do livro, é relatada uma reunião em que uma das Aias descreve um estupro vivido pela mesma antes da mudança para o governo vigente na época, e as outras mulheres deveriam culpá-la pelo acontecido. Para as Tias, violência sexual cometida contra uma mulher era culpa da mesma. Era como se elas pedissem por isso, já que seriam elas que seduziam os seus agressores, e o Deus que elas pregam permitia que isso acontecesse como forma de punição.

Quadro 4

Teach her a lesson. Teach her a lesson. Teach her a lesson. Last week, Janine burst into tears. Aunt Helena made her kneel at the front of the classroom, hands behind her back, where we could all see her, her red face and dripping nose. (1985, p.81)

Fonte: a autora

Podemos analisar nesse trecho, que, após a personagem Janine ser culpada pelo estupro vivido quando adolescente, ela sofreu agressões físicas para, de acordo com a Tia Helena, “aprender uma lição”. A política da violência opera e regula o que é ou não um efeito da mesma. Então, como escreveu Butler (1998, p.26), “já há, portanto, nessa exclusão, uma violência em ação, uma demarcação prévia do que será ou não qualificado como “estupro”, ou “violência do governo”.

Piscitelli (2001, p.2) questiona “se a subordinação da mulher não é justa, nem natural, como se chegou a ela e como se atém?”. Bourdieu (1998, p.27) escreve o que pode ser lido como resposta a essa pergunta e coloca as relações de produção do capitalismo como base para as relações de dominação patriarcais:

O princípio da inferioridade e da exclusão da mulher, que o sistema mítico-ritual ratifica e amplia, a ponto de fazer dele o princípio de divisão de todo o universo, não é mais que a dissimetria fundamental, a do sujeito e do objeto, do agente e do instrumento, instaurada entre o homem e a mulher no terreno das trocas simbólicas, das relações de produção e reprodução do capital simbólico. (BOURDIEU, 1998, p.27)

Quadro 5

My red skirt is hitched up to my waist though no higher. Below it the Commander is fucking. What he is fucking is the lower part of my body. I do not say making love, because this is not what he's doing. Copulating too would be inaccurate, because it would imply two people and only one is involved. Nor does rape cover it: nothing is going on here that I haven't signed up for. There wasn't a lot of choice but there was some, and this is what I chose.(1985, p.77)

Fonte: a autora

Mais de uma vez acontece esse tipo de roda de culpabilização e, com o tempo, nota-se que fica mais natural culpar a vítima. Cada frase repetida, cada vez

que isso acontece, as futuras Aias se sentem mais a vontade para se culpar. Está é a forma mais comum de estupro demonstrada no livro - aquele tipo que ninguém questiona se é um estupro. Entretanto, Atwood não se limita a mostrar o usual. Ela nos faz refletir sobre outras formas de estupro.

E isso acontece na divisão das mulheres. Como dito anteriormente, as férteis são mandadas para as casas para reprodução. No livro, podemos constatar que as Aias, assim chamadas as mulheres com a função de reproduzir, não eram obrigadas a aceitar a função. Elas tinham escolha, porém essa escolha é feita de uma forma rude, e Offred relata isso explicando a cerimônia de reprodução. Baseados em uma passagem bíblica, o governo exige que, em seu período fértil, as aias tenham relações sexuais com o comandante da casa onde moram, deitadas entre as pernas de sua esposa, que assistem a tudo. Através disso, elas gerarão filhos que serão do casal. A sociedade misógina de Gilead traz essa situação como um privilégio para as aias, que são férteis e estão ajudando a humanidade a continuar existindo. A assustadora idéia de que as mulheres têm que se sentir privilegiadas pelo estupro ocorrido na cerimônia ou por serem vítimas de uma chamada “virilidade masculina” realmente existe. Quando se trata de crime de estupro e assédio, perguntas como: “Se você está vivendo com um homem, o que está fazendo correndo pelas ruas sendo estuprada?” ou “O que estava vestindo?” e “O que estava fazendo na rua essa hora?” estão constantemente presentes nas redes sociais e rodas de conversa sobre assunto.

Quadro 6

“What’s going on in this room, under Serena Joy’s silvery canopy, is not exciting. It has nothing to do with passion or love or romance or any of those other notions we used to tillate ourselves with. It has nothing to do with sexual desire, at least for me, and certainly not for Serena.”(ATWOOD, 1985, p.115)

Fonte: a autora

Nessa parte do livro, Offred assume que fez essa escolha. Mas será mesmo que ela tinha escolha quando as opções são: aceitar o estupro, se manter viva e tentar reencontrar sua família, ou ir para uma masmorra com alta radiação chamada pelo governo de Colônias, onde as mulheres eram forçadas a trabalhar dia e noite,

sofriam agressões constantes e a morte era certa? Será que pode se considerar uma escolha quando as opções são inviáveis?

Ao descrever essas cerimônias, fica claro que Offred não queria estar ali. Há momentos em que ela fica distante e que, muitas vezes, se desliga, para fugir daquela situação.

Quadro 7

Sometimes the movie she showed would be an old porno film from the seventies or eighties. Women kneeling, sucking penises or guns, women tied up or chained or with dog collars around their necks, women hanging from trees, or upside-down, naked, with their legs held apart, women being raped, beaten up, killed. Once we had to watch a woman being slowly cut into pieces, her fingers and breasts snipped off with garden shears, her stomach slit open and her intestines pulled out. (1985 p.95)

Fonte: a autora

A observação mais impressionante que tirei deste trecho, foi a das descrições dos tipos de filmes que as aias foram forçadas a assistir. “Mulheres ajoelhadas, vendo pornografia explícita ou armas, mulheres amarradas ou acorrentadas ou com coleiras penduradas no pescoço, penduradas em árvores, ou de cabeça para baixo, nuas, com as pernas afastadas, mulheres sendo estupradas, espancadas e mortas.” Essa citação na obra foi muito explícita e perturbadora. Dá certa aflição de pensar que era assim que as mulheres eram tratadas nos anos setenta/oitenta. As mulheres eram tratadas como propriedade e depois jogadas fora como lixo. É totalmente desrespeitoso, especialmente na sociedade de Gilead em que as mulheres são extremamente valiosas, pois são elas que trazem vida a este mundo. Isso dá às aias uma outra razão para medo de violar as regras.

Quadro 8

She'll be allowed to nurse the baby, for a few months, they believe in mother's milk. After that she'll be transferred, to see if she can do it again, with someone else who needs a turn. But she'll never be sent to the Colonies, she'll never be declared Unwoman. That is her reward. (1985, p.102)

Fonte: a autora

Após as aias terem cumprido a função que as foram dadas, dar a família uma criança, elas ainda podiam ficar na casa para amamentar, pois, o leite materno era importante para o desenvolvimento do bebê, porém as aias eram controladas pelas

esposas para que o contato com a criança fosse apenas mais uma parte do trabalho, gerando assim uma das piores torturas para as aias, que não podiam demonstrar nenhum afeto pela criança. As aias eram a todo momento lembradas que elas estavam ali para um único propósito de procriar, gerando nelas traumas, medos e inseguranças, mas uma vez mostrando que elas eram apenas objetos, pois após o período de amamentação, elas eram levadas para outra casa para tentar dar a nova família, um filho. De qualquer forma, Offred lembra nesse trecho, que apesar de tudo, nada aconteceria com aquelas que poderiam gerar um filho, pois eram ainda assim, importantes.

Quadro 9

Ordinary, said Aunt Lydia, is what you are used to. This may not seem ordinary to you now, but after a time it will. It will become ordinary. (1985, p.33)

Fonte a autora

Esta citação é do final do capítulo 6. Offred e Ofglen estão de pé junto à Muralha, olhando para os corpos de pessoas que foram enforcadas por Gilead. A visão horroriza Offred, mas ela se esforça para afastar sua repugnância e substitui um “vazio” emocional. Ao reprimir sua repulsa natural, ela se lembra das palavras da tia Lydia sobre como a vida em Gilead se tornará comum. De um estado totalitário como Gilead para transformar uma resposta humana natural, como a repulsa a uma execução em “vazio”, para transformar o horror em normalidade. As palavras da tia Lydia sugerem que Gilead não consegue fazer as pessoas acreditarem que seus caminhos são corretos, mas fazendo com que as pessoas esqueçam como diferente o mundo poderia ser. Tortura e tirania se tornam aceitas porque são “o que você está acostumado”.

Quadro 10

I would like to believe this is a story I'm telling. I need to believe it. I must believe it. Those who can believe that such stories are only stories have a better chance. If it's a story I'm telling, then I have control over the ending. Then there will be an ending, to the story, and real life will come after it. I can pick up where I left off. (1985, p 36-37)

Essa citação, do final do capítulo 7, reflete a conexão entre a história de Offred, sua família perdida e seu estado interior. Estas palavras sugerem que Offred não está recontando eventos de longe, olhando para um período anterior de sua vida. Pelo contrário, ela está descrevendo o horror de Gilead como ela vive dia a dia. Para Offred, o ato de contar sua história se torna uma rebelião contra sua sociedade. Gilead procura silenciar as mulheres, mas Offred fala, mesmo que seja apenas para um leitor imaginário, para Lucas ou para Deus. Gilead nega às mulheres o controle sobre suas próprias vidas, mas a criação da história de Offred dá a ela, como ela coloca, "controle sobre o final". Mais importante, a criação de uma narrativa de Offred lhe dá esperança para o futuro, uma sensação de que haverá um final. . . e a vida real virá depois disso. Ela pode esperar que alguém ouça sua história, ou que ela conte a Luke, seu marido, algum dia. Offred encontrou o único caminho de rebelião disponível em sua sociedade totalitária: ela nega a Gilead o controle sobre sua vida.

Quadro 11

I used to think of my body as an instrument, of pleasure, or a means of transportation, or an implement for the accomplishment of my will . . . Now the flesh arranges itself differently. I'm a cloud, congealed around a central object, the shape of a pear, which is hard and more real than I am and glows red within its translucent wrapping.(1985, p.62)

Fonte: a autora

Esse trecho da página 62, Offred se senta no banho, nua, e debate o modo como ela costumava pensar sobre o corpo dela com a maneira como ela pensa sobre isso agora. Antes, seu corpo era um instrumento, uma extensão de si mesma; agora, seu eu não importa mais, e seu corpo só é importante por causa de seu "objeto central", seu ventre, que pode gerar um filho. As reflexões de Offred mostram que ela internalizou a atitude da Gilead em relação às mulheres, que as trata não como indivíduos, mas como objetos importantes apenas para as crianças que elas podem gerar. Os úteros das mulheres são um "recurso nacional", insiste o Estado, usando uma linguagem que desumaniza as mulheres e as reduz a uma nuvem, como Offred coloca, em torno de um objeto principal, que é mais importante e real do que ela.

Quadro 12

He was not a monster, to her. Probably he had some endearing trait: he whistled, off-key, in the shower, he had a yen for truffles, he called his dog Liebchen and made it sit up for little pieces of raw steak. How easy it is to invent a humanity, for anyone at all. What na available temptation. (1985, p. 115)

Fonte: a autora

Nesta citação, Offred lembra-se de um documentário que ela observou sobre uma mulher que era amante de uma guarda do campo de concentração nazista. Ela lembra como a mulher insistiu que seu amante não era um "monstro", e ela compara a situação daquela mulher com ela mesma, enquanto ela passa suas noites com o Comandante e chega a gostar dele. O Comandante parece uma boa pessoa: ele é gentil, amigável, genial e até cortês com Offred. No entanto, ele também é o agente de sua opressão - tanto diretamente, como seu comandante, quanto indiretamente, através de seu papel na construção do edifício opressivo da sociedade de Gilead. Como o guarda do campo de concentração, ele "não é um monstro para ela"; ainda assim ele ainda é um monstro. Offred sugere que é "fácil", quando você conhece uma pessoa má em um nível pessoal, "inventar uma humanidade" para eles. É uma "tentação", diz ela, o que significa que ninguém quer acreditar que alguém que eles conhecem é um monstro. Mas no caso do Comandante, essa tentação deve ser resistida. Ele pode ser gentil e gentil, mas ainda é responsável pelo mal de Gilead.

Quadro 13

The problem wasn't only with the women, he says. The main problem was with the men. There was nothing for them anymore . . . I'm not talking about sex, he says. That was part of it, the sex was too easy . . . You know what they were complaining about the most? Inability to feel. Men were turning off on sex, even. They were turning off on marriage. Do they feel now? I say. Yes, he says, looking at me. They do. (1985, p. 162)

Fonte: a autora

Essa citação relata a tentativa do comandante de explicar a Offred as razões por trás da fundação de Gilead. Seus comentários são ambíguos, talvez deliberadamente, mas são o mais próximo de uma justificativa para o horror de Gilead que qualquer personagem oferece. Ele sugere que o feminismo e a revolução sexual deixaram os homens sem um propósito na vida. Com seus antigos papéis

como protetores das mulheres sendo levados embora, e com as mulheres subitamente se comportando como iguais, os homens ficaram à deriva. Ao mesmo tempo, mudar os costumes sexuais significava que o sexo se tornava tão fácil de obter que perdia o sentido, criando o que o Comandante chama de “incapacidade de sentir”. Tornando-se soldados, provedores e guardiões da sociedade novamente, homens têm sentido restaurado para suas vidas. Isso soa quase nobre, exceto que, para dar sentido à vida dos homens, homens e mulheres perderam toda a liberdade. Os benefícios do novo mundo não valem o custo da miséria humana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo fazer uma análise da obra *The Handmaid's Tale* (1985) de Margaret Atwood, com o intuito de demonstrar os traumas físicos e psicológicos sofridos pelas personagens principais, fazendo, sempre que possível, um paralelo com a sociedade em que vivemos, onde as mulheres ainda sofrem situações parecidas em diferentes partes do mundo.

Diante da discussão estabelecida ao longo deste estudo e das informações por ele trazidas, tendo como base trechos da própria obra, ficou evidente o quanto as mulheres são subjugadas na narrativa de Atwood, chegando a sofrer violências e traumas dos quais as mesmas jamais serão capazes de esquecer ou mesmo superar, levando as marcas dessa violência física e principalmente psicológica, provinda de uma sociedade predominantemente patriarcal para o resto de suas vidas.

Fazendo um paralelo com o mundo em que vivemos, com base na discussão feita nesse estudo, fica evidente o quanto a autonomia da mulher na sociedade ainda é algo muito delicado, e que podemos vir a perder nossa direita a qualquer momento, dada as circunstâncias – como é perfeitamente demonstrado na obra *The Handmaid's Tale*.

Posteriormente aos resultados obtidos, conseguimos demonstrar que o discurso de sobrevivência da personagem Offred, gira em torno de várias questões contemporâneas: religião (fanatismo e excesso), feminismo (controle patriarcal do corpo das mulheres), ecologia (problemas), uma crítica ao retorno aos valores tradicionais e os paradoxos do feminismo contemporâneo.

A partir destes acontecimentos na obra de Atwood, podemos perceber, sobretudo, que a autora não descarta a possibilidade de que isso aconteça e nos alerta para a necessidade de observar as soluções radicais e as ideologias que se apresentam em momentos de caos social, político e econômico, como está acontecendo no cenário do Brasil atual. Deste modo, Atwood afirma: “A História prova que aquilo que fomos no passado, poderíamos ser novamente” (ATWOOD, 1998) mesmo que seja em novas roupagens. Por isso, é necessário estar alerta sobre a formação de um possível Estado de Exceção e estar atento aos riscos de

um poder político que centraliza para si o fornecimento ou a retirada de direitos básicos ao ser humano, principalmente os das minorias e das mulheres.

O objetivo desse trabalho é, então, de reforçar a reflexão sobre até que ponto estamos perpetuando uma cultura que prega a subordinação da mulher, e apontar que a impossibilidade de se imaginar um futuro diferente não representa apenas uma característica do gênero distópico, mas também a resignação da nossa sociedade diante da cultura patriarcal.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

APARÍCIO, Ingrid; MELLO, Kelli; OLIVEIRA, Patrícia de. **Desenvolvimento de carreira: O papel da mulher nas organizações.** Cadernos de Administração, v. 1, 2009.

ATWOOD, Margaret. **The Handmaid's Tale.** Editora: McClelland and Stewart. 1985.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo. 1998, pp.11-42

CAVALCANTI, E. **A Queima dos Sutiãs - a fogueira que não aconteceu.** <<http://anos60.wordpress.com/2008/04/07/aqueima-dos-sutias-a-fogueira-que-nao-aconteceu>>. Acesso em junho de 2019.

CHRISTO, Carlos Alberto. **Marcas de Baton.** Revista Caros Amigos, 2001. <<http://pensocris.vilabol.uol.com.br/feminismo.htm>>. Acesso em junho de 2019.

FAGUNDES, V. B., DINARTE, P. V. **O Discurso de Ódio Contra as Mulheres na Sociedade em Rede.** Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade. Universidade Federal de Santa Maria, 2017.

GOLDENBERG, Mirian. **Sobre a invenção do casal.** Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia. Rio de Janeiro-RJ, 2001.V.1 Nº1. <<http://www.revispsi.uerj.br/v1n1/artigos/Artigo%207%20-%20V1N1.pdf>>. Acesso em junho de 2019.

MELO, Alexandre. **Os fatos históricos que marcaram as conquistas das mulheres.** Revista Nova Escola. 2013. Disponível em: <revistaescola.abril.com.br/.../fatos-historicos-conquistasdia-da-mulher-7>. Acesso em junho de 2019.

NOGUEIRA, Renzo Magno. **A evolução da sociedade patriarcal e sua influência sobre a identidade feminina e a violência de gênero**, 2016. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/48718/a-evolucao-da-sociedade-patriarcal-e-suainfluencia-sobre-a-identidade-feminina-e-a-violencia-de-genero>>. Acesso em junho de 2019.

PEDRO, C. B., GUEDES, O. S. **As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres**. Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas. Universidade Estadual de Londrina, 24 e 25 de junho de 2010.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo**. 1975.

RODRIGUES, Valéria Leoni. **A Importância da Mulher**. 2005.

WAGNER, Adriana. **Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.